



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOSÉ WILKER ZUZA DO NASCIMENTO

**A FELICIDADE NA CONCEPÇÃO ARISTÓTELICA, OS RESPECTIVOS MEIOS
DE ALCANÇÁ-LA E A VIDA FELIZ**

ANÓPOLIS-GO

2022

JOSÉ WILKER ZUZA DO NASCIMENTO

**A FELICIDADE NA CONCEPÇÃO ARISTÓTELICA, OS RESPECTIVOS MEIOS
DE ALCANÇÁ-LA E A VIDA FELIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica de Anápolis, como
requisito essencial para obtenção do Grau de
licenciatura em Filosofia sob orientação do
Prof. Ms Pe Gessione Alves da Cunha.
Coorientador: Pe. _____.

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ANÁPOLIS-GO

2022

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar o significado de um grande bem que Aristóteles o chama de felicidade. Em vista disso, o texto discorre de caminhos e meios que servirão de autoajuda para que o homem no exercício da sua vontade não corra o risco de se perder em suas escolhas, e desse modo, possa encontrar esse grande bem tão precioso. Como também, apresenta os falsos caminhos que aparecem como alternativas boas, porém, enganadoras. A essa última, o homem não encontrará a felicidade.

Palavras chaves: felicidade, alma, virtude, política e amizade.

ABSTRACT

This article aims to present the meaning of a great good that Aristotle called happiness. In view of this, the text discusses ways and means to serve as a self-help for the man in the exercise of his will not run the risk of getting lost in their choices, and thus can find this great and so precious. Also presents the false paths that appear as good alternatives, however, misleading. At this last, man will not find happiness.

Key words: happiness, soul, virtue, politics and friendship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. ARISTÓTELES: VIDA, OBRA E PENSAMENTO ÉTICO	8
1.1 A pólis, lugar da vida feliz	11
1.2 A felicidade no pensamento aristotélico	15
2. A FELICIDADE E O EXERCÍCIO DAS VIRTUDES.....	19
2.1 Ideia de felicidade	21
2.2 Um fim a se alcançar	22
2.3 Meios para se chegar à felicidade.....	23
2.4 De onde vem a felicidade e seu lugar na vida do homem.....	25
3. A FELICIDADE COMO UM BEM ESPECÍFICO DO HOMEM.....	26
3.1 A felicidade encontrada no exercício ativo de uma vida racional.....	29
3.2 A felicidade como ato da alma.....	30
3.3 As virtudes: caminhos que levam à felicidade	32
3.4 A política: o lugar da felicidade	34
3.5 A felicidade na amizade	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A vida do homem é repleta de desejos e vontades. Pois, ele nunca se contenta enquanto não alcançar aquilo que o torna feliz e realizado. Afinal de conta, seria muito estranho para o homem que sendo um ser dotado de inteligência e razão se comportasse como os outros animais que não pensam e muito menos raciocina. É por esse motivo, que o homem está sempre em busca de novos horizontes e a medida que vai descobrindo o objeto da procura vai também avaliando se de fato este lhe fará bem. Assim, a busca se tornará um exercício contínuo em sua vida, pois dentro de si existe uma inclinação que aponta para um fim específico. Esse fim Aristóteles chama de felicidade.

É pensando na felicidade que Aristóteles um homem culto que nasceu em Estagira no norte da Grécia (384 a. c-322 a. c), e que, durante todo o curso de sua vida dedicou-se aos estudos e a elaboração de obras e escritos de muita relevância para os tempos de antes e de hoje. Em uma de suas obras, *ética a nicômaco*, ele enfatiza que o homem poderá viver uma vida eticamente moral a partir do agir e das escolhas feitas em liberdade, mas conscientemente guiado pela razão e não pela ignorância. Nesse sentido, ele considera que a felicidade não está nas escolhas más feitas, mas numa escolha pensada e calculada de forma racional.

Este presente trabalho está dividido em três partes. Inicialmente se tratará da vida, obras e pensamento ético de Aristóteles, A pólis, como lugar da vida feliz e a felicidade no pensamento aristotélico. O segundo traz uma abordagem sobre a felicidade no pensamento aristotélico, destacando as virtudes e as formas de ser feliz. No terceiro falará da felicidade como um bem específico do homem.

Por isso, no caminho da busca pela felicidade, o homem que age com prudência e seguro nas suas escolhas não deve temer os desafios, porém, pode contar com outros meios que auxiliarão na constante busca. Como por exemplo: a prática das virtudes, as ações boas, a vida entre amigos, a sociedade justa etc. Tendo em vista, porém, que toda escolha deve ser avaliada pela conduta moral. Assim, é preciso estar atento, pois no mundo existem muitas oportunidades e na maioria das vezes são apresentadas como coisas belíssimas, mas não passa de aparências. Assim, o homem que não pensa primeiro antes de agir poderá muito bem se enveredar por caminhos tortuosos acreditando numa felicidade que não existe. Por esse motivo, Aristóteles afirma que a melhor maneira do homem viver bem é estar sempre praticando atos bons com liberdade e responsabilidade, porém, julgando as suas ações pelo uso da razão.

Enfim, o trabalho elaborado está totalmente embutido no pensamento de Aristóteles. Realizado, Porém, através de muitas pesquisas referente ao tema proposto. Tendo em vista que, o seu conteúdo serve para que o ser humano perceba o quanto que é desafiante viver bem e feliz. Por isso, cada escolha requer uma reflexão.

1. ARISTÓTELES: VIDA, OBRA E PENSAMENTO ÉTICO

Podendo ser considerado um dos maiores pensadores do Ocidente, Aristóteles nasceu na cidade grega de Estagira em meados dos anos 384 ou 385 a.C. era filho de Nicômaco, médico da corte do rei da Macedônia. Perdeu seu Pai com a idade de sete anos e foi educado pelo tio e tutor Proxeno. Na juventude, Aristóteles decide mudar-se para Atenas e ingressa na Academia de Platão, tornando-se um dos discípulos mais brilhantes, por desenvolver suas próprias pesquisas e teorias, e contestar em vários pontos as teses de seu mestre.

Na Academia platônica torna-se logo um dos mais destacados alunos e ali permanece por mais de vinte anos ligado ao mestre. Sua ligação com a Academia perdura até a morte de Platão. Com a morte do mestre, Aristóteles não se adaptou à nova administração da Academia, abandonando-a por causa da divergência de opiniões com Espeusipo, novo diretor da Academia, sobrinho de Platão.

Somos reduzidos a conjecturar que teve de aprender tudo quanto aí se ensinava. Por causa de seus primeiros estudos e de suas aptidões naturais, talvez fosse particularmente atento às ciências da natureza. Mas Platão evidentemente, com seu ideal filosófico a um só tempo contemplativo e político, marcou muito provavelmente a inteligência toda fresca do aluno. (...) Podemos até acrescentar que as relações de Platão e Aristóteles parece terem sido e terem permanecido muito profundos e muito íntimas. (Philippe, 2002, p.10).

Em 342 a.C., o rei Filipe da macedônia o convida para dedicar-se à educação de seu filho Alexandre. Aristóteles permaneceu nessa atividade por três anos e a encerra com a morte do imperador, quando Alexandre assume o poder. Se casa, e vem à luz o filho Nicômaco, ao qual é dedicada uma obra posterior chamada *Ética a Nicômaco*. Aristóteles retorna a Atenas e funda sua própria escola. Com o seu ensino todo baseado no pensamento platônico, o filósofo começa então a formular o seu próprio pensamento tendo em vista não concordar com tudo que aprendera de Platão e chama a sua própria escola de o Liceu, nome por localizar-se nos jardins do templo dedicado a Apolo Lício.

O Liceu possuía um edifício, um jardim e um parque para passeio – em grego: perípatos, passeio por onde se anda conversando –, motivo pelo qual a escola aristotélica foi chamada de peripatética, seja como referência ao parque, seja como referência ao fato de que Aristóteles e os estudantes passeavam por ali, discutindo animadamente filosofia.

Do mesmo modo, que a Academia, o Liceu também praticava a vida comunitária, mas a disciplina escolar era mais rígida do que na escola de Platão. Todas as manhãs, Aristóteles dava as aulas sobre os assuntos filosóficos mais difíceis aos alunos mais

adiantados, à tarde e à noite dava lições abertas para um público vasto sobre questões de retórica e a dialética. (CHAUÍ. 2002, p.337).

Em razão disso, Aristóteles e seus discípulos foram apelidados de peripatéticos, ou seja, devido aos ensinamentos do mestre serem ministrados em forma de passeios pelo jardim. Nesse período escreve duas grandes obras sobre ética: *Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo*. Veio a falecer em 322 a.C. em Atenas, vítima de uma doença do estômago.

O Estagirita trabalhou na busca dos diversos conhecimentos que existiam em toda a Grécia para escrever suas obras, reuniu vários manuscritos e obras em uma biblioteca por ele criada, além de construir uma espécie de museu onde guardava catálogos com as diversas espécies de plantas e animais que utilizava para ilustrar suas aulas. Aristóteles se ocupou em estudar quase todas as ciências conhecidas na Antiguidade, e assim classificou seus escritos em: ciências teóricas, as que se referem ao estudo dos primeiros princípios de todos os seres (matemática, física e teologia); em ciências práticas: o homem como agente da ação (ética e política), e as ciências poéticas: aplicação da técnica na produção de algo (poética e retórica).

Aristóteles tratou de vários temas relacionados ao ser e a essência, que mais tarde foi editada com o título de *Metafísica*. A moral e a política que estão presentes nos livros: *Ética a Nicômaco*, *Ética a Eudemo* e nos oito livros que compõe a obra *Política*. Para tratar da retórica e da poética, escreveu livros que receberam estes mesmos títulos. Devido a grande diversidade de suas obras, Aristóteles ficou conhecido como um organizador do saber, aquele que se preocupou com o tema, a classificação e generalização de cada obra estudada, no período que ele permaneceu em Atenas foi onde o mesmo desenvolveu maior parte de seus escritos como disse Reale e Antiseri (1999, p. 174), “*Foram esses os anos mais fecundos na produção de Aristóteles, o período que viu o acabamento a grande sistematização dos tratados filosóficos e científicos que chegaram até nós*”.

As obras de Aristóteles também são conhecidas de acordo com uma divisão em duas classes, resultantes de anotações realizadas, em cursos, pelos discípulos. As primeiras se referem aos escritos exotéricos¹ que objetivam a divulgação das teorias filosóficas e eram destinadas ao público em geral. Estes escritos eram redigidos em forma de diálogo e versavam sobre retórica e dialética. A segunda classe pertence aos escritos acromáticos² eram anotações de cursos destinados especialmente aos alunos iniciados numa determinada matéria (lógica, física, filosofia, biologia, metafísica, ética, política, artes e história). Estes objetos de estudos

¹ Relativo à doutrina destinada ao grande público; o prefixo ex significa “fora”.

² Doutrina acessível só aos iniciados, e não ao grande público, destinavam-se ao estudo no âmbito do Liceu e não à publicação.

requeriam um aprofundamento maior em termos de análise e discussão e interessavam a uma minoria devido ao rigor necessário por serem matérias mais ricas em conhecimentos e sendo assim mais esforço dos alunos.

Além do citado, o Estagirita escreve alguns artigos que posteriormente foram reunidas e a elas atribuído um título, a *Metafísica* (ou seja, obra que deve ser lida “depois da física”) é um exemplo dessa organização de escritos.

De um modo geral, os textos Metafísicos são indagações e questões sobre problemas filosóficos que Aristóteles discutia e investigava com seus alunos, motivo pelo qual as partes da obra não possuem uma sequência rígida, muitas perguntas estão sem respostas e não se pode falar numa “doutrina”. (CHAUI. 2002, p.343/344).

Há também outra obra por agrupamento, por nome de *Organon* (que significa instrumento), contendo escritos lógicos. Escreve um diálogo sobre a alma, dirigido a Eudemo, escreve sobre a Física, Biologia, Filosofia Natural, e sobre ética e a política, contendo tratados de ética, a *Ética a Eudemo* e sua principal obra a *Ética a Nicômaco*. A *Política* ele organiza em oito livros aos quais divide em diferentes ramos. Há alguns escritos sobre as artes e a história, contidos nos três livros da *Arte retórica*.

Além dessas obras e das que se perderam, existem relatos de obras das quais não há nenhum fragmento, como uma possível tradução dos poemas de Homero, que ele teria traduzido a pedido do rei Alexandre, um estudo sobre a guerra e os direitos territoriais e algumas apresentações dramáticas em Atenas.

Uma das maiores críticas em relação às obras de Aristóteles se deve ao fato de que muitos cursos ministrados por ele foram redigidos por seus discípulos, e possuem um estilo e vocabulário diferentes dos empregados pelo filósofo, além de possuírem textos com datas e ideias distintas agrupadas em uma mesma obra.

Aristóteles é o criador da filosofia prática, porque demarcou o campo da ação humana e distinguiu, pelo método e pelo conteúdo, o saber prático e a técnica para produzi-lo, assim como o saber teórico. A ética é uma ciência prática que deriva da práxis³ humana, ou seja, um saber que tem por principal objetivo o conhecimento que se dá através da ação. Difere-se de algumas ciências teóricas como a metafísica, e a filosofia da natureza pelo fato de não estar somente contemplando ideias, mas sim criando objetos de ação levando automaticamente a uma prática.

³Práxis é uma palavra com origem no termo em grego *praxis* que significa conduta ou ação. Corresponde a uma atividade prática, rotineira que nesse contexto também pode ser associado a costume, tradição e cultura.

Porém, existe um ponto em comum entre a ética e as ciências teoréticas, uma vez que o homem age sempre buscando uma finalidade, seguindo princípios e causas de acordo com a *phýsis*⁴, portanto, esse agir em busca de um bem maior, embora sendo um objeto prático, parte de um pressuposto que é a natureza humana assim como a metafísica e a física, caracterizando por este ponto uma breve união entre a ética e as ciências teoréticas.

Esse bem maior acima citado é para Aristóteles a felicidade, que pode ser definida como um bem mais perfeito que todos os outros. Ele percebeu que não poderia haver apenas bens secundários, um bem desejado em função de outro. Era necessário que existisse um fim último para a ação humana. A esse fim último, refere-se como Sumo Bem, “o melhor dos bens”.

(...) a saber, que a felicidade é uma coisa avaliada e perfeita, o que parece ser corroborado pelo fato de ser ela um primeiro princípio ou ponto de partida uma vez que todas são feitas em função dela; e concordamos que aquilo que é o primeiro princípio e causa das coisas boas é algo valioso e divino”. (ARISTÓTELES. 2007, p. 61).

É perceptível que a filosofia aristotélica é teleológica, ou seja, está orientada por uma finalidade (*telos*, em grego, significa “fim”). Como é o “melhor que existe”, o Sumo Bem deve ser objeto de um saber supremo, uma ciência que seja superior às outras ciências. Para ele, essa ciência era a Política. Dessa forma, podemos compreender que o bem para os seres humanos não deve ser alcançado individualmente e, sim, em coletivo, por toda a cidade.

1.1 A pólis, lugar da vida feliz

No eixo do pensamento aristotélico, é impossível falar de felicidade sem antes enfatizar sobre a concepção do mesmo sobre a comunidade política ideal que ele idealiza e a chama de pólis.

Não podemos deixar de observar que é impossível uma vida feliz fora do contexto da pólis, já que é nesse contexto social e político que felicidade mesma se realiza. Do ponto de vista aristotélico, a pólis encara a autossuficiência completa em termos de uma estrutura sócio-política capaz de fornecer as condições para o exercício das atividades virtuosas de cada cidadão. (Child. 2010, p. 15).

Esse pressuposto definido por Aristóteles define, portanto a pólis como lugar perfeito capa de conduzir o homem a um fim bom o qual é desejado por cada pessoa.

⁴Phýsis é o princípio da evolução ou do progresso, na natureza.

De início, conforme citado, ele pensa a pólis como um conjunto onde deve haver tudo necessário ao ser humano, a autossuficiência é uma condição necessária para felicidade e esta o homem não alcança sozinho, por isso, o mesmo só pode ser feliz inserido na comunidade, daí resulta o que diz Aristóteles: “O homem é um animal político.” Esta comunidade é um lugar onde há diversos grupos e esses de forma hierarquizada desenvolvem funções determinadas que favoreçam não apenas a si próprio, mas a todos os habitantes da pólis. Sendo assim estes proporcionam tudo que é necessário para ter uma vida consideravelmente boa que seja acessível a todos, nesta deve estar presente certa autossuficiência referindo-se a uma completa estrutura social e, sobretudo para o exercício das atividades virtuosas não só institucionais sociais e políticas, mas também desenvolva a sua capacidade racional.

A cidade proposta por Aristóteles é por ele pensada com diversas características as quais se encontram em sua obra *Política* (2015, L.VII. p. 241), dentre as diversas ele escreve a seguinte “uma cidade somente começa a existir quando sua população tem um número que possa lhe assegurar a autossuficiência, tendo em vista uma vida melhor, de acordo com as regras da comunidade política.” Essa preocupação se dá pelo fato de que deve ser a cidade o lugar de realização do homem, para isto ele sugere ainda que a mesma seja favorável para o combate, para a colheita, para que seja abrangida pela visão de uma única vez para facilitar a proteção.

As aldeias e famílias seriam a primeira associação a tender para a formação da cidade. Na família a relação consiste entre o homem e a mulher, e entre o senhor e os escravos e possui existência para satisfazer as necessidades diárias do homem. Já a aldeia é uma comunidade de maior amplitude a qual satisfaz diversas necessidades. Tendo sido formada a cidade, é perceptível a preocupação do autor acerca daqueles que seriam responsáveis por governar a cidade, o bom funcionamento dependia de diversos fatores, mas o mais característico seria a reflexão do governante a ser aplicada na condução da cidade.

Para Aristóteles, a pólis é uma realidade resultante de uma associação natural e necessária ao ser humano, ou seja, seria o estudo natural ao homem e não algo que seria posterior a esse estado. Essa comunidade política, não nasce com um grupo de cidadãos em unanimidade no que se refere ao seu status social, há necessariamente um pluralismo, as classes separadas que consiste em ricos e pobres por linhagens diferentes da origem familiar. Só na comunidade política é possível considerar um homem como existente, só seria imaginável um homem fora do convívio social se este fosse um super homem ou louco, pois lá é o único lugar onde ele pode se sentir realizado nos diversos âmbitos.

Aristóteles ao afirmar que o homem é um animal político, tenta mostrar que o homem necessita de uma comunidade social para estar inserido. Neste lugar, se busca além de qualquer

coisa o bem mais elevado, por ser resultante de um processo teleológico afirmar-se-á que a pólis é a organização humana mais perfeita.

Toda cidade é um tipo de associação, e toda associação é estabelecida tendo em vista algum bem (pois os homens sempre agem visando a algo que consideram ser um bem); por conseguinte, a sociedade política [polis], a mais alta dentre todas as associações, a que abarca todas as outras, tem em vista a maior vantagem possível, o bem mais alto dentre todos. (Aristóteles, (política). L, I. p. 53).

Como comunidade mais perfeita, subentende-se que nesta há um diferencial no que se refere à educação, esta deveria conforme afirma o filósofo ser direcionada da mesma forma para todos sendo que qualquer um poderia ser governante da pólis desde que alcançasse o ideal proposto para tal cargo, é característico uma normatividade a qual deve ser a primeira preocupação dos legisladores. Dentre as diversas características dos que educam e governam destacam-se as seguintes, a necessidade de haver o político, o nomoteta e o filósofo. O político possui o dever de conduzir a cidade com a capacidade de adaptação para as contingências aos casos particulares, os nomotetas são encarregados de definição das regras gerais e universais para o governo da cidade, nestas definições se faz necessário encontrar os critérios capazes para fazer da cidade o lugar da vida feliz e o filósofo possui dever apenas de educar moral e intelectualmente os nomotetas.

Vale ressaltar que não é apresentada uma definição constituída do que seria o modelo ideal a ser seguido por todas as cidades, é proposto apenas que de acordo com as características apontadas se constitua a cidade e com estas se possa, de acordo com as necessidades da pólis, ser determinado pelo nomoteta às regras que melhor convier para realização da felicidade de todos.

A pólis é o lugar pelo qual se pode entender a felicidade aristotélica, visto que, o homem só poderia ser feliz e realizado se ele tivesse integrado na pólis pelo já citado fato de neste lugar haver todo o necessário para uma boa vida. Isso se dá por meios das qualidades compartilhadas na cidade que garante a satisfação humana. Vale ressaltar que conforme o pensamento aristotélico, só na organização política por ele idealizada, a pólis busca o bem mais elevado, as outras comunidades se constituem em vista de algum bem que não seria o principal e mais sublime alcançável pelo homem, isto só pode ser perceptível se houver uma análise das partes separadas que constituem a cidade, das quais foram algumas aqui citadas.

A felicidade se define como a atividade da alma segundo a virtude. Aristóteles afirma que para chegar à felicidade é necessário trilhar um caminho baseado em virtudes, porque elas

irão modelar a vida do homem segundo a racionalidade, ou seja, as virtudes nada mais são do que a educação dos instintos, da sensibilidade e das paixões a luz do intelecto.

As virtudes, portanto, não são geradas em nós nem através da natureza nem contra a natureza. A natureza nos confere a capacidade é aprimorada e amadurecida pelo hábito. Ademais faculdades que nos são transmitidas pela natureza nos são concedidas primeiramente como potência, e nós a exibimos sua atividade posteriormente. (ARISTÓTELES. 2007, p. 67).

Aristóteles chama Virtudes Morais aquelas que se referem ao instinto e à sensibilidade como as paixões, os sentimentos, os impulsos e os costumes, essas virtudes estão relacionadas ao exercício, porque potencialmente todos somos justos e corajosos, mas pelo exercício repetido essas potências passam e ser ato. E chama de Virtudes Intelectuais aquelas que dependem o intelecto como a Sabedoria, a Prudência e a Justiça.

Sendo a virtude de duas formas, como vimos, dois tipos, nomeadamente intelectual e moral, a intelectual é majoritariamente tanto produzida quanto ampliada pela instrução, exigindo, conseqüentemente, experiência e tempo, ao passo que a virtude moral e ética é o produto do hábito, sendo seu nome derivado, com uma ligeira variação da forma, dessa forma, dessa palavra. (ARISTÓTELES. 2007, p. 67).

A Sabedoria é responsável por elevar o homem acima das realidades múltiplas para que assim ele possa contemplar as imutáveis como o bem. A Prudência discerne, escolhe, pondera e decide as ações a fazer e os melhores meios práticos para administrar os comportamentos cotidianos. A Justiça é responsável pela ordem e a harmonia cósmica e humana. A justiça encerra toda virtude.

Aristóteles ressalta a Justiça dentre as virtudes intelectuais, pois sendo a mesma responsável pela harmonia e a ordem, busca também o equilíbrio da vida social e pessoal, por isso é associada ao *meio-termo*⁵, como o que equilibra uma grande balança entre o vício e o excesso. A virtude é o meio-termo e o vício se dá ou na falta ou no excesso. Por exemplo: coragem é uma virtude e seus contrários são a temeridade (excesso de coragem) e a covardia (ausência de coragem).

⁵ Aquilo que está à meia distância entre dois extremos.

1.2 A felicidade no pensamento aristotélico

A finalidade natural de todos os seres humanos, segundo Aristóteles, consiste em ter uma vida boa, justa e feliz. Partindo deste princípio, este filósofo propõe investigar qual é o fim ético que todo indivíduo aspira e quais caminhos ele deve trilhar em direção a esta busca. Para ele, a Felicidade se difere da honra, do prestígio, da inteligência, porque não necessita de bens exteriores para ser atingida, ela é autossuficiente, visto que, os outros meios são buscados visando outros bens. Segundo Chauí, Aristóteles afirma:

[...] aquilo que, à parte de todo o resto, torna a vida desejável e não carece de nenhum outro é um bem mais perfeito do que qualquer outro. E a felicidade é um bem desse gênero, pois ela não é buscada em vista de outra coisa e sim as outras coisas é que são buscadas como meios para ela. (CHAUÍ. 2002, p. 441).

Como afirma a citação acima, o bem é idealizado como uma virtude, uma atividade cotidiana que procura a excelência de acordo com o exercício da razão, sendo tão sublime que nos aproxima do divino. A felicidade como um fim em si mesma é conceituada na filosofia aristotélica como um bem supremo, algo absoluto que converge na ação.

Desta forma, a felicidade não é buscada como meio para outros fins. Com base nisso é correto afirmar que a mesma sendo um bem, é sempre uma excelência. Não é um estado de espírito subjetivo, mas sim, uma atividade da alma de acordo com as virtudes, assim não é um fruto de um só dia, nem de pouco tempo, mas sim de uma vida inteira de dedicação e esforço.

A ética tem como pressuposto mostrar o caminho para se chegar à felicidade, ela deve definir a felicidade, a natureza humana como *éthos*⁶ e as virtudes. Desta forma, a ética não pretende apenas nos mostrar o bem, mas, sobretudo visa buscar saber como nos tornarmos bons.

Para Aristóteles o homem para ser considerado um ser ético, precisa ter a capacidade de discernir entre as coisas boas e úteis para si e as não boas, sempre visando o bem viver. Desta forma a prudência tem um importante papel na vida ética do ser humano, sendo uma disposição prática que garante a autonomia e a autossuficiência, para que o homem possa direcionar sua própria vida, libertando-se da escravidão causada pelos excessos de negligências ou paixão.

A palavra principal usada para expressar a vivência da felicidade no mundo grego antigo é *eudaimonia*, que em sua etimologia grega significa “(eu) bem disposto; (*daimon*) que tem um poder divino”. Desta forma é perceptível que para os gregos a felicidade é uma dádiva, e para alguém ser feliz tem que usufruir ou ser favorecido deste poder divino.

⁶ Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

Esse poder divino também pode ser compreendido como uma motivação ou um desejo por um supremo bem humano: a felicidade. Afirma o filósofo:

Quanto ao nome desse bem parece haver acordo entre a maioria dos homens. Tanto a maioria quanto os mais sofisticados dizem ser a felicidade, porque supõe que ser feliz é o mesmo que viver bem e passar bem. Contudo, acerca do que possa ser a felicidade estão em desacordo e a maioria não compreende o seu sentido do mesmo modo que o compreendem os sábios. (ARISTÓTELES. Livro I, 1095a14, 15-30, 2009).

Desta forma vemos que o Bem, a Felicidade, é a finalidade de todas as coisas, por exemplo: a medicina visa o bem dos corpos, a cadeira é feita para sentarmos bem, os óculos para vermos bem, as roupas para nos vestirmos. Aristóteles associa o bem humano com a felicidade, desta forma cada tipo de homem enxergará a felicidade de um jeito.

Para Ele a maioria dos homens e os considerados mais vulgares de todos veem a felicidade somente no prazer e é por esse motivo que acolhem de bom grado uma vida dedicada a fruição e prazeres. Porém os mais sofisticados irão enxergá-la, na honra, na sabedoria, como os grandes sábios. Desta maneira a felicidade deriva do tipo de vida que o indivíduo leva.

É importante ressaltar que ao falar sobre as formas que nos conduz a felicidade, o filósofo destaca com uma grande importância à aparência, o companheirismo e à família, destacando que sem estes não haveria probabilidades de o homem ser feliz. Levando em consideração que no contexto em que Aristóteles viveu a cultura grega era permeada pela valorização do belo e da perfeição.

O estudo da ética aristotélica nos apresenta seis formas de ser feliz: a prática das virtudes, pois as mesmas são responsáveis pelo aperfeiçoamento da vida do homem a luz da razão; um círculo de amigos, pois para ele não pode ser feliz quem não têm amigos e vive sozinho. Aristóteles (2009, Livro VIII, 1155a1) afirma que “[...] ninguém há de querer viver sem amigos, mesmo todos os restantes dos bens. [...] Assim, tanto na miséria quanto nas desgraças, pensa-se sempre que os amigos são o nosso único refúgio.” Desta forma, ver-se que a amizade é, pois, uma virtude extremamente necessária à vida. Mesmo que possuamos diversos bens, riqueza, saúde, poder, ainda assim, não será suficiente para nossa realização plena, pois nos falta à essencial amizade.

A boa saúde é uma condição fundamental para a felicidade, porque quem não goza de sua saúde, enfrentará muitas dificuldades e/ou não poderá praticar as virtudes; os bens exteriores são um importante ponto a si tratar, pois para alguns estes não convergem para a

felicidade, visto que por meio deles, na maioria das vezes, surge o poder, a prepotência e a exclusão, impedindo assim o homem viver socialmente na *polis*⁷.

Porém, Aristóteles apresenta uma condição para que o homem seja feliz, não descartando totalmente a possibilidade de utilizar os bens exteriores para praticar belas ações, como forma de alcançar a felicidade:

É que é impossível, ou muito difícil, executar ações nobres sem estar preparado. Muitas coisas são levadas à prática como que através de instrumentos, por meio de amigos, da riqueza, do poder político. Ora, os que estão privados de alguns bens externos ficam com a marca da felicidade manchada, como é o caso daqueles que estão privados de um nascimento nobre, bons filhos ou beleza. (ARISTÓTELES. Livro I, 1099b1,30, 2009).

Desta forma, para ele, os bens exteriores se resumem no essencial para a vida do homem, para que com esses bens indispensáveis o homem possa fazer boas ações sem corromper sua mente na superabundância de riquezas.

Também a vida em uma sociedade justa favorece a felicidade, visto que o homem sendo um ser político e social necessita de uma vivência com os outros. Em Aristóteles, a virtude é o agir conforme a razão dos valores da *polis*, ou seja, o que se deseja como bom deve ser bom não somente para uma pessoa, ou um grupo, mas bom para a toda a sociedade.

Assim, o homem é um animal político, pois, na *pólis*, ele consegue orientar-se pela conduta moral mediada por leis estabelecidas pelos elementos intelectuais (adquiridos no processo de formação) e a moral (lapidada pelos hábitos racionais e pela experiência vivida). O homem é, portanto, um ser pronto a receber e experimentar ensinamentos e vivências, sem os quais sua existência ficaria incompleta, sendo comandada apenas pelas vontades.

E por último temos a meditação filosófica, que se destaca principalmente nos filósofos. É um nível mais elevado onde se contempla as verdades imutáveis, porém, por ser reservada a alguns filósofos não restringe a felicidade a si, porque quem realiza as demais condições também é feliz.

Dado estas condições de ser feliz, propostas pela ética, Aristóteles evidencia que a felicidade consiste no aperfeiçoamento do homem enquanto homem, com base na atividade que o diferencia dos animais e de todas as outras coisas. Esta atividade é chamada de atividade racional, que no exercício da mente é a finalidade específica do homem. Assim, o homem não pode consistir apenas em viver, pois os animais irracionais e os vegetais também vivem, porque

⁷ A Polis é a Cidade, entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos (no grego “politikos”), isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, livres e iguais. (Convite a Filosofia, Marilena Chaui, Editora Ática).

são seres apenas de alma sensitiva⁸ e vegetativa⁹, porém o homem é um ser dotado da alma intelectiva¹⁰, então deve viver bem segundo a razão, sendo justo, prudente e sábio. Afirma Aristóteles que:

O homem que quer viver bem deve viver sempre segundo a razão: “Se estabelecemos como função própria do homem certo tipo de vida (precisamente essa atividade da alma e as ações acompanhadas da razão) e como função própria do homem de valor o concretizá-la bem e perfeitamente (...) então o bem do homem consiste em uma atividade da alma segundo a sua virtude e, quando as virtudes são mais de uma, segundo a melhor e mais perfeita. (REALE. 1990, p. 203/204).

O aperfeiçoamento do homem que acima foi citado corresponde às virtudes éticas, que nada mais são do que a educação do instinto, da sensibilidade e das paixões sob a luz do intelecto, assim, a prática das mesmas responde por moldar o caráter humano e orientar os costumes das pessoas, elevando seus sentimentos e educando os instintos. Com isso, os impulsos vitais do instinto tornam-se éticos quando exercidos sob o comando do intelecto, pois as virtudes não aniquilam os impulsos humanos, mas os orientam.

⁸ Alma Sensitiva: é o princípio formal sensitivo e psíquico (sem substância), própria dos animais, cuja função é vivificar o animal;

⁹ Alma Vegetativa: é responsável pela geração, nutrição, pelo crescimento e pela reprodução dos seres vivos;

¹⁰ Alma Intelectiva: é a faculdade que somente o Homem é dotado, pois somente ele tem a capacidade de conhecer. Aristóteles caracteriza o Intelecto como “aquela parte da alma que permite conhecer e pensar”.

2. A FELICIDADE E O EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

A ética mira a virtude, pois sendo prática, identifica na virtude a função de orientar o homem ao modelo de indivíduo justo apresentado no universo da *pólis*. As ações devem convergir para o bem da *pólis*, e, portanto, essa ética se ocupa em estabelecer uma justa medida entre o excesso e a falta, harmonizando desta maneira o homem na sociedade.

Segundo Aristóteles a felicidade consiste na atividade da alma segundo as virtudes. Para ele, as virtudes são os moldes que orientam as ações do homem segundo a atividade da alma intelectual. Porém para melhor entender o conceito de virtude, se faz necessário que antes haja um aprofundamento do significado de alma. Para Ele, a alma é a forma que organiza os seres animados. O estagirita a define como “*a alma é aquela coisa devido à qual vivemos, sentimos e pensamos*”.

Para Aristóteles, a alma se constitui de uma parte irracional (vegetativa e sensível) e de outra parte racional, sendo que cada parte da alma corresponde uma virtude em particular. A alma vegetativa, que é comum a todos os seres, possui uma virtude que não é propriamente humana por ser comum a todos os seres, como por exemplo, o controle natural das atividades biológicas do corpo e das formas reprodução. Vale destacar que os impulsos vitais do instinto estão relacionados à parte irracional da alma porque são atos biológicos, porém podem tornar-se éticos se estes forem exercidos pelo comando¹¹ do intelecto.

A alma sensível, ainda que seja irracional, em certo sentido participa da razão, deixando claro que existe uma virtude dessa parte da alma que é especificamente humana, e consiste em dominar essas tendências e esses impulsos, ela é chamada virtude ética. Finalmente, posto que existe em nós uma alma puramente racional, deverá corresponder também uma virtude própria dessa parte da alma, que é chamada de virtude dianoética ou intelectual, ou seja, a virtude racional.

O conceito grego de virtude (*aretê*) significa excelência, energia, vigor, potencialidade. Defini-se como o grau de excelência no exercício de uma capacidade que um ser possui como própria. Para Aristóteles, não existem virtudes inatas, pois nenhuma das formas inatas podem ser alteradas pelo hábito, então todas são adquiridas pela repetição dos atos, por isso diz-se que parte do exercício, por que gera o costume, e esses atos, para gerarem as virtudes, não devem desviar-se nem por falta, nem por excesso, pois a virtude encontra-se na justa medida, longe dos dois extremos.

¹¹ Comando aqui se refere à orientação, pois Aristóteles afirma que o intelecto exerce apenas uma “administração inteligente”, uma orientação sob o ser humano.

É da mesma maneira, então, que adquirimos as excelências. Isto é, primeiramente põmo-las em prática. É assim também que fazemos com as restantes perícias, porque, ao praticar, adquirimos o que procuramos aprender. Na verdade, fazer é aprender. [...] Do mesmo modo também nos tornamos justos praticando ações justas, temperados agindo com temperança, e, finalmente, tornamo-nos corajosos realizando atos de coragem. (ARISTÓTELES, 1103b, 30-05).

Desta forma, a virtude consiste na uma realidade estruturante das ações humanas, que orientadas pelo intelecto e dedicadas ao exercício, tornam o homem justo e correto socialmente. Nada mais são do que a educação do instinto, da sensibilidade e das paixões sob a luz do intelecto.

Aristóteles dividiu as virtudes em duas formas: as éticas e a dianoéticas. A virtude ética consiste em uma disposição adquirida pelo hábito, pela prática. Assim, o hábito torna possível que surja nos homens uma disposição virtuosa condizente com a prática de ações moralmente boas. Referem-se ao instinto e à sensibilidade, desta maneira o homem é potencialmente corajoso e justo, e pelo exercício repetido, pode tornar-se corajoso, justo e temperante. As virtudes éticas ou morais, estão ligadas com as paixões, os costumes, os sentimentos e impulsos.

Dianoéticas, do grego "dianoetikós" (intelectual, intelectual) é o termo usado por Aristóteles para descrever as virtudes da parte intelectual do ser humano, que ele chamou virtudes dianoéticas, distinguindo das virtudes éticas, que são as características das virtudes da vida do ser humano sensível e emocional. Ele destacou como principais virtudes intelectuais a sabedoria, prudência e justiça. Pela sabedoria o homem eleva-se acima das realidades múltiplas e considera as imutáveis como o que é justo e o bem; pela prudência ele discerne, escolhe, pondera e decide as ações a fazer e os melhores meios práticos para administrar os comportamentos cotidianos e a justiça é responsável pela ordem e a harmonia cósmica e humana, também por organizar as demais virtudes.

A justiça, no pensamento aristotélico, é compreendida como uma virtude, e como tal, localiza-se no meio-termo (*mesotés*). Ela se difere das demais virtudes e se coloca em posição superior por ser uma virtude que manifesta na aplicação da excelência moral em relação às outras pessoas, não em relação a si mesmo.

Aristóteles observa que as virtudes morais equilibram as ações de cada um, conduzindo a um justo equilíbrio, que significa uma virtude moral, a justiça. Esta procura sempre a equidade na comunidade política, conhecida como "*polis*". Assim, as virtudes morais adquirem da justiça sua forma plena, ou seja, o seu significado social, tornando-se esta a base

da moralidade da vida política. Aristóteles, no caminho da ética prudencial define esse equilíbrio como um meio-termo.

Em muitos sistemas éticos o caminho correto é apresentado como aquele que alcança um meio-termo feliz. Não se desvia para um lado nem para o outro, representando antes a moderação, a harmonia, o equilíbrio e a capacidade de evitar os pontos fracos de ambos. A doutrina aristotélica do meio-termo representa todas as virtudes como um equilíbrio entre os vícios do excesso e os do defeito. O homem que tudo teme é um covarde, mas o homem que nada teme é precipitado. (BLACKBURN, Simon. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.)

Também chamada de doutrina do justo-meio, esta teoria de Aristóteles pressupõe que o homem busca a felicidade na *polis*, ou seja, o homem é parte da cidade e sua felicidade depende da felicidade da cidade. Portanto, o homem feliz é aquele que chega à cidadania. Para que isso ocorra, o homem tem que buscar a excelência, ser virtuoso, ele tem que agir conforme as virtudes¹².

Para ser virtuoso, o homem tem que usar sua virtude intelectual na ação, atuando na obtenção da virtude moral. Inteligentemente, o homem evita os vícios por falta e por excesso e atinge o justo-meio (a virtude), por exemplo, entre a vaidade (vício por excesso) e a modéstia (vício por falta) está o respeito próprio (justo-meio). Para Aristóteles não é possível chegar ao justo-meio fora da ação, pois ele também se dá pelo hábito do controle e do equilíbrio das ações.

Sendo assim, Aristóteles afirma a necessidade da responsabilidade para uma ação ser considerada como moralmente válida. Não há moralidade em uma ação irresponsável, ou naquela em que o sujeito não agiu com pleno conhecimento racional. As virtudes intelectuais são consideradas as prediletas do Estagirita, porque para ele a melhor parte do homem é aquela que concebe um princípio racional. Segundo o mesmo, feliz é aquele que vive as virtudes dentro da “*polis*”, que vive uma vida intelectual, sendo capaz de dirigir bem a vida, deliberando de modo correto e prudente o que é bem ou mal para si. Existindo assim uma medida para todas as ações humanas, que é o meio-termo ou justo-meio.

2.1 Ideia de felicidade

Ao apresentar a ideia de felicidade, Aristóteles a define e apresenta os meios pelos quais ele acredita ser possível chegar à mesma, sendo que esta é possível a todas as pessoas desde que seja buscada. Para designar a palavra felicidade ele usa o termo grego *eudaimonia*, que se refere também ao ideal pleno de realização, ou seja, a forma a qual ele apresenta a felicidade. Vale ressaltar que o filósofo não deixa formulado um significado ou definição para

¹² Virtude aqui relacionada diretamente ao meio-termo

o que é felicidade, seu principal objetivo é mostrar como o homem pode conseguir chegar a esta.

No caminho para o alcance da felicidade, adéqua-se a necessidade de passar por diversos pontos dos quais ele mesmo constrói uma formulação, como por exemplo, a ética, a amizade, a educação, o bom desenvolvimento das atividades. Tais pontos são importantes para se chegar à felicidade visto que os mesmos são partes necessárias para que o homem tenha uma vida boa e a felicidade é justamente o fim último da vida humana.

2.2 Um fim a se alcançar

Diferente da definição de muitos pensadores, a felicidade é apresentada por Aristóteles como um fim, ou seja, não seria um fator qualquer para a vida humana, mas uma meta importante a qual naturalmente todos os homens aspiram, tendo em vista a sua realização. Esta se trata, portanto da concretude do homem e por isso, se difere das várias outras coisas as quais são escolhidas em favor de outra, assim não acontece com está visto que ela é escolhida em favor de si mesma.

A felicidade é o fim último das nossas atividades e não o seu fim particular e intermediário, porque é o bem supremo do homem, isto é, o bem perfeito que lhe basta e que se procura por si mesmo. Felicidade, bem supremo do homem e fim último das nossas atividades são verdadeiramente inseparáveis na ética aristotélica. (Philippe, 2002, p.34).

Esse fim se trata do que é designado pelo termo grego *têlos*, que referindo-se ao homem não é um fim que pode ser caracterizado como último instante da vida, mas como a concretização de um estado perfeito alcançado.

Visto que a vida do homem é composta de atividades, estas são por Aristóteles separado em duas: as que são escolhidas como intermédio para se chegar a um fim e as que são escolhidas com um fim em si próprias nas quais se encaixa a felicidade, como afirma o seguinte.

(...) há atividades que são necessárias e escolhas como meios para fins, outras que são possibilidades de escolha em si próprias (como fins), é evidente que temos de supor que a felicidade é uma certa atividade das que são escolhidas segundo si próprias enquanto fins e não das que são meios para quaisquer outros fins, porquanto a felicidade não carece de nada; basta-se a si própria (Aristóteles, (Ética a Nicômaco), 2009. L. X, p. 234).

Colocada como uma atividade escolhida com um fim em si mesma, esta é considerada, portanto, como sendo atividade contemplativa que se dá de acordo com a excelência e está

sendo a melhor parte do humano, com isso, alguns poderão ser possuidores de maior índice de felicidade, visto que o homem superior possui maior excelência, pois este tem atividade mais séria e superior. Sendo a felicidade fruto da contemplação, pode-se concluir que nenhum outro animal pode tomar parte da mesma, pois são estes todos privados da possibilidade de uma atividade contemplativa.

Relaciona-se também com o prazer o qual oferece para a atividade do homem uma maior completude e é mais bem desenvolvida, conforme afirma Aristóteles (Ética a Nicômaco, livro X, p. 2) a mais agradável de todas as atividades que se produz pela excelência é mostrada como a que possui existência por meio da sabedoria e o sábio quanto mais o for mais será capaz de adentrar facilmente e por si mesmo em uma atividade contemplativa, quanto maior for o nível da contemplação maior será a felicidade.

2.3 Meios para se chegar à felicidade

O pensamento de Aristóteles apresenta a ideia de uma ética a qual se antepõe a qualquer coisa, para ele a ética é como que a mestra de todas as coisas e ações, seria esta a responsável por guiar o homem em toda a sua trajetória.

A pesquisa filosófica sobre a operação voluntária ordenada para o bem preocupa profundamente Aristóteles, o qual desenvolve verdadeira filosofia ética. (...) Se para Platão a política comanda a ética, para Aristóteles a ética pessoal é primeira. De certa forma só ela permite descobrir a verdadeira finalidade do homem. (Philippe, 2002, p.25).

Portanto, a ética aristotélica é apresentada como um pressuposto necessário para a construção da vida humana que se constrói na pólis como já citado, e por consequência também para a felicidade. Isso é perceptível no que diz Aristóteles (2015, p. 33): "*A ética estuda o que é o bem supremo, a partir do conhecimento da natureza humana e procurando saber em que consiste a felicidade (eudaimonia).*"

Visto que, a busca pela felicidade se dá, conforme afirma Aristóteles, na vida cotidiana, esta possui certamente uma relação com o que é exterior. Mas como se mostra essa relação sendo que a felicidade é algo 'interior'? Os bens exteriores são, portanto, instrumentos. Conforme afirma o seguinte trecho:

Para Aristóteles, esses bens exteriores podem representar perfeições autenticamente humanas, ainda que secundárias. Longe de negá-los, a felicidade humana exige-os como instrumentos imprescindíveis para o próprio exercício das belas ações. (Philippe, 2002, p.41).

Aqui não se pode esquecer de um fator importante, citado no trecho anterior, que a felicidade se alcança por um conjunto de boas ações durante a vida do cidadão em seu lugar de convívio e por isso, se faz necessário diversos bens pelos quais se realiza o conjunto de boas ações. Este contexto retoma a ideia de que a polis é um lugar importante, sendo que esses bens para proporcionar as boas ações estão na pólis.

O homem para ser feliz, necessita ser um homem virtuoso, o que se dá por meio do conjunto de boas ações, ou seja, a prática da virtude. Como já citado e para o qual Aristóteles vai dizer que o bem do homem encontra-se na atividade da alma segundo as suas virtudes, essa característica do homem não integra o que já tem ao nascer, esta é possibilitada pela natureza que torna o homem receptivo para as virtudes a qual só se dá no decorrer da ação baseada pela maturidade e pelo hábito. A virtude, conforme afirma Aristóteles, é a mediania entre o excesso e a falta de algo sem que seja necessariamente um equilíbrio simétrico, pois a natureza em cada caso faz inclinar-se para um dos extremos, se trata da culminância na ordem da excelência e da perfeição, um exemplo de virtude é a coragem, pois esta encontra entre a temeridade e a vileza. Sobre isto afirma o autor no seguinte trecho.

Certamente, ninguém discordará que os bens da vida se dividem em três categorias, a saber, os bens materiais, os bens corporais e os bens da alma, e ninguém há de negar que a felicidade humana depende da obtenção de todas as três. Com efeito, ninguém afirmaria que um homem feliz pode ser aquele destituído de um mínimo de coragem temperança justa ou prudência (...). (Aristóteles, (Politica), 2015, L. p. 233)

Antes de dar ênfase para a virtude, Aristóteles se refere a três categorias: os bens materiais, os corporais e os bens da alma. Nestes bens enquadram-se aqueles presentes no meio social e ajudam o homem a ter ações boas, a razão a qual o homem deve usar para viver bem e a vivência em equilíbrio, ou seja, a virtude.

A parte pensante da alma humana, ou seja, a alma racional possui sua perfeição no que é chamada de virtude "dianoética", conforme são os aspectos da alma racional que se divide em dois, os que se voltam para a realidade imutável e necessária, e também a virtude dianoética, esta se divide entre a sabedoria e a sapiência. Conforme veremos a seguir.

A sabedoria consiste em dirigir bem a vida do homem, ou seja, em deliberar de modo correto acerca daquilo que é bem ou mal para o homem. Já a sapiência é o conhecimento daquelas realidades que estão acima. É precisamente no exercício desta última virtude, que constitui a perfeição da atividade contemplativa, que o homem alcança a felicidade máxima (...). (Reale; Antiseri. 1990. p. 206).

Como já visto, são necessários para a perfeição da alma a vivência de uma vida baseada na ética, nas virtudes, no bom uso dos bens seja materiais, do corpo ou da alma, e para a atividade principal que conduz a felicidade, é necessário a sapiência que conduz o homem a uma atividade perfeita de contemplação.

2.4 De onde vem a felicidade e seu lugar na vida do homem

Visto que a felicidade é um fim buscado por todas as pessoas e na maioria das vezes vista como o que é útil ao mesmo, todas estas ao verem-se necessitadas da mesma, possuem suas opiniões que são as mais diversas.

Para quem está doente é a saúde, para quem é pobre a riqueza. Tendo consciência de sua própria ignorância, muitos dizem ser qualquer coisa de muito acima das suas capacidades, e que eles admiram. Alguns ainda pensam ser algo de bom que vai para além das muitas coisas boas, mas que é o fundamento responsável pela presença da bondade em todas elas. (Aristóteles, (Ética a Nicômaco), 2009, L. I. p. 20).

Os gregos antigos possuíam várias opiniões acerca da definição de felicidade, opiniões que não se prendem ao tempo, pois muitas destas são também as de homens de outros tempos. Aristóteles, mesmo não definindo de forma direta apresenta o que seria uma redução destas sugestões, a autora Marie-Dominique apresenta essa redução da seguinte forma, "*Aristóteles, (...) reduz a três essas diversas opiniões: a felicidade é o prazer, a felicidade é a glória ou a virtude, a felicidade é a contemplação.*" (Philippe, 2002, p. 33) A tais definições dadas por Aristóteles, é possível ainda retomar a importância da polis e de outros meios, pela maneira de arquitetar a felicidade e o contexto da vida das pessoas.

Na obra A Ética a Nicômaco, é a apresentado o questionar do próprio Aristóteles acerca do lugar de onde vem a felicidade. A dúvida gira em torno das opções de a mesma ser, ou algo aprendido como um conteúdo, ou o que se dar por meio da habituação e ainda a possibilidade de ser uma dádiva dada pelos deuses, no entanto, como cita o autor mesmo que seja qualquer uma das opções, tendo por base o fato de tudo que é posse dos homens serem dado pelos deuses, diz ser a felicidade a melhor de todos.

Aristóteles não apresenta uma definição direta, como já citada, mas apresenta o ideal de quem possui este fim o qual é desejo de todo homem.

O feliz possuirá a estabilidade procurada na felicidade e permanecerá assim ao longo da sua vida. Levará à prática e terá na pura contemplação, (...) aquelas coisas respeitantes à excelência e suportará o mais nobremente possível o que aconteça a respeito do que quer que seja. (Aristóteles, (Ética a Nicômaco), 2009. L. I, p. 33).

3. A FELICIDADE COMO UM BEM ESPECÍFICO DO HOMEM

A felicidade é um bem supremo na qual todo homem a busca como uma finalidade própria para sua vida. Assim, todas as ações humanas estão voltadas para esse fim específico.

São com essas palavras que Aristóteles começa a sua obra *ética a nicômaco* fazendo questionamentos a respeito do conceito de felicidade ou *eudaimonia*¹³. Nesse sentido, para Aristóteles felicidade é um conceito de bem e de bens particulares, ou seja, numa hierarquia de bens existe aquele que está acima de todos os outros bens, a esse bem supremo ele chama de felicidade.

Por esse motivo, a felicidade sendo vista como um bem que está no desejo de todo homem, então, é conveniente que muitas pessoas na busca por uma vida feliz acabem fazendo escolhas e julgamentos errôneos e, dessa maneira, atribuem para si outros meios que estão totalmente distantes daquilo que Aristóteles afirma ser tão belo. Por isso, ao falar das várias formas de vidas que discutem o valor da felicidade, Aristóteles ressalta que:

De fato, para eles, a felicidade estaria dentre as coisas aparentes e óbvias, como o prazer, a riqueza ou a honra uns a definindo assim, outros de outra forma e muitas vezes também o mesmo homem a define diferentemente: sendo ela a saúde quando está doente, a riqueza quando em necessidade. (*Ética a Nicômaco*, 2015, L.1. 1094a 10, P. 18).

Quando se fala em *eudaimonia*, Aristóteles analisa cada uma dessas vidas e identifica a condição sociocultural, a fim de entender como cada uma diz que é possível encontrar a Felicidade. A primeira é a vida dos prazeres, pois a grande maioria das pessoas gostam mais daquilo que lhes proporcione prazer e gozo. Essa massa de gente Aristóteles relata que é semelhante a escravos, pois prefere uma vida voltada integralmente aos prazeres sensitivos próprios dos animais que não pensam e nem raciocinam. Esses são chamados de pessoas comuns por levarem uma vida absolutamente servil.

Já os homens de gosto mais refinados e de certo nível mais elevado põem seu prazer nas honrarias que por sua vez, são mais próximas da vida política. Nesse caso, as pessoas buscam honrarias e grandes feitos com o propósito de serem reconhecidas aos olhos dos outros, mas não percebem que essa forma de vida não está naquela que promove a felicidade, pois a felicidade não está apenas no reconhecimento, mas nas ações dignas e virtuosas praticadas pelas pessoas e que sejam válidas de reconhecimentos.

¹³ É um termo grego que literalmente significa o estado de ser habitado por um bem daemon (um bom gênio), e, em geral, e traduzido como felicidade ou bem estar.

Dessa mesma maneira, existem também aqueles que se afastando das honrarias procuram encontrar a felicidade nas riquezas acreditando que o dinheiro é condição de felicidade. Dentre essas formas de vidas, Aristóteles vê a riqueza como a pior de todas. afirmando que ela nunca poderá ser vista como um fim específico na vida do homem. Dessa forma, objetiva Reale: "*mas essa, para Aristóteles, é a mais absurda das vidas, chegando mesmo a ser vida "contra a natureza", porque a riqueza é apenas um meio para as outras coisas, não podendo, portanto, valer como fim.*"(REALE, 1990, V.1. P. 203). Ao falar da riqueza, Aristóteles afirma que esta não se trata de um bem ruim, contudo, que seja vista apenas como um instrumento que pode ajudar o homem a ser feliz, mas nunca considerá-la como um fim em si mesma a exemplo da felicidade.

Nesse mesmo sentido, Aristóteles mostra numa de suas passagens de sua obra *ética a nicômaco* a necessidade de certos bens e de bens materiais como meios que auxiliam a vida do homem na busca pela felicidade. Assim ele relata:

Mas parece, contudo, que ela precisa de bens exteriores, assim como dissemos, pois é impossível, ou não é fácil, realizar coisas boas estando sem condições. Muitas, de fato, são usadas como instrumentos, através dos amigos, da riqueza e do poder político. Mas sendo privado de algumas, desfiguram o homem feliz, como a nobreza de nascimento, a felicidade em ter filhos e a beleza. De fato, não tende a ser feliz o que possui uma forma totalmente feia, é malnascido ou solitário, e sem filhos, talvez ainda menos se os filhos ou amigos estivessem repletos de vícios, ou os que foram levados pela morte. Então, assim como dissemos, parece que ela necessita ainda de prosperidades de tais tipos; de onde, por isso, alguns colocam o sucesso em posição relativa à felicidade, e outros à da virtude. (*Ética A Nicômaco*, 2015, L.1. 1099^a 25, p. 31).

Assim a felicidade requer outros complementos e de fato ela não se alcança de forma isolada sem o exercício constante e desejoso do homem de querer encontrá-la. Essa busca é sem dúvida algo específico da vida do homem e toda criatura humana está inclinada para esse fim.

Por último, Aristóteles encontra a Felicidade na vida contemplativa, pois para ele esta é a maneira mais convincente e prática de buscá-la porque mexe diretamente com a faculdade racional do indivíduo, ou seja, tanto no que diz respeito à atividade virtuosa (a prática) como à atividade pura da mente (a teoria). Essas são sem sombra de dúvidas as duas partes constitutivas essenciais e indispensáveis da Felicidade plena na vida do homem. Neste sentido, para Aristóteles a Felicidade é escolhida por si mesma e nunca por algo mais. No entanto, Aristóteles ainda complementa que as honrarias, o prazer, a inteligência e todas as formas de excelência, são escolhidas por causa da Felicidade. Porém, muitas pessoas não conseguem entender esse bem valioso e acreditam que somente esses meios farão o indivíduo feliz. Além disso, Aristóteles deixa bem claro que a Felicidade ou o Bem Supremo é algo que existe em si mesmo,

pois ela deve ser entendida como algo diferente das outras coisas. Nessa perspectiva Reale complementa que:

O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Assim, não pode consistir no simples viver como tal, porque até os seres vegetativos vivem, nem mesmo viver na vida sensitiva, que é comum também aos animais. Só resta, portanto, a atividade da razão. (REALE, 1990, V.1, P. 203).

Desta realidade contemplativa advém a necessidade de investigação ética e da elaboração de normas morais. O homem age com liberalidade própria fazendo uso da razão tendo consciência da sua faculdade.

Na vida contemplativa o homem busca um sentido reto e completo fundamentado numa direção que aponta para uma finalidade ao qual se realiza numa vida feliz. Além disso, ela é uma atividade intelectual que depende da liberalidade de escolha. Essa, portanto, exige que as escolhas sejam feitas com razão e objetividade, pois o homem sendo um ser racional julga o melhor para si. Dessa forma, Aristóteles acredita que esta dimensão intelectual é considerada como uma natureza dominante sobre as outras, é, portanto, vista como uma excelência.

Nessa escolha se faz necessário uma atenção especial e que esta seja acompanhada por uma reflexão interior, pois assim como já foi mencionado o objeto que se cogita não está ligado diretamente à felicidade como um fim em si mesma, mas por outros meios que se tornam necessários para alcançar esse fim. Conforme é demonstrado:

Nós não deliberamos sobre os fins, mas sobre os meios. Um médico que não delibera se ele deve curar, nem um orador se ele deve persuadir, nem um político, se ele fará boas leis, e nem qualquer homem delibera sobre um fim a atingir, mas, uma vez que se estabeleceu o fim, examina como e por quais meios ele o alcançara, e se parece que ele pode ser alcançado por diversos meios, procura saber qual é o mais fácil e melhor. (Ética a Nicômaco, 2015, L3, 11126, 10ss, p. 69).

É evidente que o grande mestre Aristóteles estabelece regras para melhor explicar o seu pensamento no que diz respeito às escolhas feitas em liberdade. De fato, a decisão de escolha depende do seu sim ou do seu não. Se a ação realizada vier acompanhada de atos bons é uma decisão feita de forma consciente e voluntária. Encontrará, portanto, a felicidade. Do contrário, se a ação praticada mesmo no uso da consciência resultará em coisas negativas, significa uma decisão tomada de forma errada e sem a avaliação do juízo moral, portanto, o

indivíduo sofrerá as devidas consequências. Contudo, tendo o homem o seu poder de decisão, nesse caso a escolha não diminui o seu agir voluntário.

E, se por outro lado acontecesse que o homem sendo forçado a praticar determinado ato vergonhoso em prol de uma coisa bela ou de um bem considerado maior em sua vida e porventura viesse a sofrer infortúnio, nesse caso devem-se analisar os critérios de decisão para entender se a ação pode ser considerada voluntária ou involuntária. Diante disso, Aristóteles afirma que tais atos escolhidos mesmo sendo forçado, mas que por detrás dessa escolha existe algo muito belo, então, sendo ou não considerado uma decisão involuntária não deixa de ser um gesto grandioso digno de uma pessoa corajosa. Porém, se ao contrário uma pessoa se submete a prática de uma ação vergonhosa sem ter motivo algum dessa escolha é considerada uma pessoa medíocre porque agiu voluntariamente sem nenhuma finalidade nobre. Portanto, é uma pessoa que não sabe o que quer.

Desse modo, Aristóteles entende que a ação se toma involuntária quando é feita por ignorância e produza dor e arrependimento. Todavia, se uma determinada ação não produz esses sentimentos mesmo sendo realizada na ignorância, então apresentará um grau de importância menor. Esse tipo de ação pode ser chamado do que quiser. Assim, toda escolha feita deve produzir uma boa finalidade. Do contrário, deixa de ser felicidade.

3.1 A felicidade encontrada no exercício ativo de uma vida racional

Sendo a felicidade entendida como bem supremo ela nunca pode consistir senão numa atividade de uma vida racional. Por esse motivo, a procura pela felicidade não se dá numa vida passiva. O homem para conquista-la precisa primeiro desejar esse bem e esse desejo deve vir acompanhado da prática racional que está presente nas suas ações e atividades e que deverão acontecer de forma constante em sua vida. Esforçar-se, porém, para conquista-la, deve ser o seu objetivo já que ela se torna parte integrante da vida de todo ser humano.

Essa ação é própria do homem e não dos animais. Os animais por sua vez não têm a capacidade de pensar e raciocinar. Dessa maneira, sendo algo inerente do homem, então, na sua integridade de ser o uso da razão deve se dá de maneira reflexiva e consciente. Pois a atividade intelectual não é apenas uma pura reflexão teórica ou abstrata, mas consiste em uma sabedoria prática (*phrónesis*) e em uma sabedoria teórica (*sophia*). Dessa forma:

A participação na racionalidade universal não se dá pelo simples conhecimento intelectual, mas pela ação moral, isto é, pela renúncia a todos os instintos, pelo domínio voluntário racional de todos os desejos e pela aceitação da providência A

razão universal é a natureza; a providência é o conjunto das leis necessárias que regem a natureza; a ação racional humana (própria do sábio) é a vida em conformidade com a natureza e com a providência. (CHAUL, 1996, 7 ed. P. 223 *Ética a Nicômaco*, 2009, L.6, 1139a, 35, p. 130).

Assim compreendemos que para Aristóteles o conhecimento intelectual nunca está separado das ações práticas frutos também da vida ética.

Nesse trecho que é também próprio do pensamento estoico, afirma a existência de uma razão universal ou inteligência universal que governa a realidade existente e que ocorre por meio da ação moral do homem em vista de sua capacidade intelectual. Essa razão que os estoicos atribuíram o nome de providência é a mesma coisa que Aristóteles chama de capacidade racional próprio da dimensão intelectual do homem. Em virtude disso, Aristóteles enfoca que o homem sendo capaz de pensar e racionar de forma voluntária poderá no exercício do bem encontrar a felicidade plena com fim desejado para si.

No livro de *Ética a Nicômaco*, Aristóteles falando da decisão de escolha do homem em vista de um fim desejado, afirma que primeiro o desejo deve partir de uma motivação e disposição de querer alcançar a meta. Assim ele diz:

O princípio da ação é a decisão (isto é, enquanto origem da motivação, não enquanto fim em vista); por outro lado, o princípio da decisão é a intenção e um cálculo dirigido para um objetivo final. Por esta razão, não há decisão sem o poder de compreensão, nem sem o processo compreensivo, nem, finalmente, sem a disposição do caráter. Na verdade, agir bem e o seu contrário não existem na ação sem o pensamento teórico nem sem a disposição ética. (*Ética a Nicômaco*, 2009, L.6, 1139a, 35, p. 130).

Aristóteles relata que o pensamento teórico corrobora com o desejo da busca que se realiza com a práxis, ou seja, pelo exercício da ação e que, portanto, não encontra o sentido completo se não estiver ligada ao agir e a ação prática que está intrinsecamente ligada ao intelecto produtivo. E por meio dessa que a pessoa busca alcançar o fim desejado. Com isso, evidentemente, tem-se que a ação boa procura uma direção que aponta para um sentido absoluto, ou seja, o fim esperado. O desejo descerra nesse fim que é visto como a felicidade.

3.2 A felicidade como ato da alma

Aristóteles acreditava que o habito tinha uma ligação estreita com a alma, ou seja, ela sendo um espírito é também a parte que anima o corpo. Desse modo, ela é vista como dimensão indivisível possuindo duas categorias: uma sendo racional (intelectual) e outra irracional (vegetativa e sensitiva).

A parte racional que faz ligação com o intelecto é a responsável pelo agir e pela ação concreta na busca do bem. É ela que faz o homem agir racionalmente e eticamente de forma consciente e voluntária, assegurando-lhe possibilidade de optar por aquilo que lhe fará bem. A escolha sendo feita com o crivo da razão é provavelmente a maneira mais correta encontrada por Aristóteles para alcançar a vida feliz. É também a parte fundamental da política ética na qual se obtém uma boa administração conservando assim a cidade com fins ideal para todo cidadão.

A outra parte irracional que se debruça nas funções sensitivas e vegetativas, embora sendo parte integrante da vida humana, ela não pode superar a racional porque se não homem é levado até mesmo à condição de outros animais se tornando incapaz de agir moralmente segundo os seus atos. Assim, essa parte da alma deve ser atuante nos animais. No homem, porém, é necessário que a razão prevaleça sobre todas.

É, também, nessa dimensão da alma que surgem as paixões, os desejos, os prazeres, mas também os medos. É por meio dos desejos que muitas vezes o homem é induzido a fazer escolhas precipitadas, tendo em vista que, a escolha pelo prazer nunca será suficiente para tomá-lo feliz. Por isso, muitas vezes os homens não encontram a felicidade por não saberem fazer escolhas corretas. Agem pelo instinto em vez da razão.

Por outro lado, o homem necessita dessa parte da alma, pois para a razão perceber que precisa atuar é necessário primeiro sentir anseios e prazeres que são meios de que o homem necessita para poder ter um direcionamento da busca pela felicidade. Por outro lado, a alma conhecendo seu lado irracional, não terá dúvida alguma da necessidade do uso da razão para julgar se de fato a escolha feita por prazer será útil à vida. A alma, portanto, tem a função de encontrar a justa medida para não deixar o homem se perder por seus instintos irracionais.

O homem que age e toma atitudes pensadas e avaliadas pela razão está seguro daquilo que busca e não tem medo das intempéries que poderá enfrentar.

De fato, consideramos verdadeiramente bom e sensato o homem que suporta todos os infortúnios com graça e dignidade, e a partir dos acontecimentos sempre faz as mais belas coisas, assim como o bom general que, na guerra, faz do exército da maneira mais conveniente, ou um sapateiro faz os melhores calçados a partir do couro que lhe é dado; e do mesmo modo para todos os outros artesãos. E, se é assim, o homem feliz jamais se tornaria miserável, mas se vier a sofrer infortúnios como os de Príamo, não será feliz. (Idid. 2015, L.1, 1101a, 1ss, pp. 34-35).

Como vimos o homem que age instantaneamente pela razão não desiste quando a coisa parece dá errado. Ele sempre encontra uma maneira certa de enfrentar os desafios

e voltar a direcionar novamente a sua vida para algo mais valioso. Ele não dá tiros a toa para o alvo sem que antes tenha certeza da distância que a bala deve percorrer, ou seja, tudo que ele faz é projetado pela razão.

3.3 As virtudes: caminhos que levam à felicidade

Aristóteles discorre do seu pensamento dando bastante atenção para o exercício através de uma vida virtuosa, sendo essa prática uma condição necessária para o homem ser feliz. A virtude é desse modo, um hábito adquirido, isto é, uma atividade feita de forma constante na qual o homem busca através de esforço adquirir o bem desejado, tendo em vista o uso das virtudes morais que como condição para lapidar as condutas e caráter dos indivíduos de modo justo e correto.

Para Aristóteles, as virtudes eram divididas de duas maneiras: as virtudes éticas (ou morais) e as virtudes *dianoéticas* (ou intelectuais). As virtudes éticas conhecidas também como justo meio entre os extremos são responsáveis por dominar a parte da alma que está ligada aos desejos e apetites e age como justa medida ou mediania buscando encontrar o equilíbrio das ações humanas.

Adquire-se essa virtude através de atos bons e comportamentos práticos realizados por meio de hábitos constantes. Conforme o Padre Scupoli afirma em um de seus livros, em que escreve para uma de suas filhas espirituais, diz o seguinte:

Além disso, as virtudes que deseja adquirir devem ser acompanhadas de alguns atos exteriores, que são conformados aos interiores, como (para) continuar no mesmo exemplo) usar de palavras de amor e mansidão e prestar serviço a quem te deixou impaciente. Ainda que estes atos, interiores ou exteriores, estejam acompanhados de certa fraqueza de espírito, parecendo-te que os realiza contra a vontade, não deixe de realiza-los, porque, ainda que sejam débeis e fracos, eles te manterão firme e constante na batalha, e te servirão de socorro para alcançar a vitória. (SCUPOLI, 2014, pp. 49-50).

Assim como o Padre Scupoli adverte esta pessoa a praticar sempre atos bons como uma condição de aperfeiçoar-se e controlar aqueles que são viciosos, assim também, Aristóteles ressalta que as virtudes éticas são alcançadas através de uma série de repetições de hábitos sucessíveis. Desse modo, o homem só será justo, realizando ações justas, só se torna grande, realizando coisas grandiosas. Assim também, acontece com o homem que tem muitos dons, pois se ele os tem é porque aperfeiçoa a cada dia.

Dessa maneira, se a questão das virtudes éticas se manifesta na prática de atos repetitivos, fica evidente, que podem surgir excessos de atos; e, nesse caso, cabe à razão impor a justa medida ou a mediania entre os excessos. A razão deve impor essa medida para não permitir que os impulsos compulsivos prevaleçam sobre os atos bons. Realizando essa ação a mediania alcança a vitória da razão sobre os instintos. Nesse sentido, Reale apresenta um pequeno texto escrito por Aristóteles que traz a seguinte mensagem:

A virtude tem a ver com as paixões e ações, nas quais o excesso e a falta constituem erros e são censurados, ao passo que o meio é louvado e constitui a retidão: e ambas essas coisas são próprias da virtude. Portanto, a virtude é uma espécie de mediania, porque, pelo menos, tende constantemente para o meio. Ademais, errar é possível de muitos modos (...), ao passo que agir retamente só é possível de um modo (...). Por essas razões, portanto, o excesso e a falta são próprios do vício, enquanto a mediania é própria da virtude: somos bons apenas de um modo, maus variadas maneiras". (ARISTÓTELES, apud REALE, 1990, P. 205).

É evidente que as virtudes éticas ajudam o homem a trabalhar melhor seus impulsos que muitas vezes se encontram sem equilíbrio. Virtudes assim como a justiça tem um papel muito importante na distribuição dos bens e na realização da justa medida, por isso, é louvada e exaltada por Aristóteles.

Contudo, mesmo as virtudes éticas sendo reconhecidas como hábitos adquiridos que tornam a vida do homem mais reta, às vezes, não são suficientes para que o homem por meio da sua prática atinja a sua realização plena. Para isso, torna-se necessário as virtudes *dianoéticas* ou perfeição da alma racional como assim era chamada por Aristóteles. Irei ressaltar os dois modos mais importantes dessa virtude: sabedoria de vida e sapiência.

Pela sabedoria o homem se torna capaz de dirigir bem a sua vida e de um modo especial saber separar tudo aquilo que lhe fará bem ou lhe fará mal. Essa virtude acompanha o homem na escolha de um julgamento correto, ajudando-o a não se prender pelos enganos. Assim, essa virtude sendo adquirida pela experiência de vida e perpassada na tradição histórica por pessoas consideradas sábias e racionais, tornando-se uma prática de um conhecimento seguro para que o homem encontre nela a felicidade.

Por outro lado, a virtude conhecida como sapiência assume uma importância bem singular pelo fato de ascender-se sobre as outras. Essa virtude é alcançada por meio da contemplação, e, por isso, se manifesta como aquela que alcança a atividade máxima e está em conjuntura com o divino. É considerada a sabedoria suprema. Por essa razão,

somente por meio do intelecto o homem pode adquirir essa virtude, ao passo que só cabe a ele essa capacidade de contemplar e não aos outros animais que são desprovidos da razão e da contemplação e por isso, não participa da felicidade.

Desse modo, o homem vivendo de maneira contínua o hábito virtuoso e se empenhando em saber guiar bem a sua vida por meio da razão e da consciência, poderá gozar da vida plena e de um fim esperado para sua vida que se manifesta por meio da felicidade como finalidade própria do ser.

3.4 A política: o lugar da felicidade

Para Aristóteles a política é o lugar essencial para viver a felicidade sob a ótica da vida em comunidade. Desse modo, uma cidade não pode se desenvolver bem sem ações justas que produzam êxito, como também, o homem não pode encontrar a felicidade na cidade se ela não for lugar que predomina uma ação política virtuosa de caráter e bom senso. Dessa forma, o bem humano é idêntico tanto para o indivíduo como para a cidade em que ele reside. Assim, o homem deve encontrar ao mesmo tempo na cidade a sua realização porque toda ação virtuosa não pode realizar-se a não ser no âmbito da interação familiar e social, porque ninguém se torna virtuoso e bom a não ser mediante aos dispositivos da formação coletiva. Por esse motivo, Aristóteles falando da vida do estado diz a seguinte afirmação:

“...Mesmo que haja um único bem para cada indivíduo em particular e para todos em geral num estado, parece que obter e conservar um bem maior e mais completo, o bem que cada um obtém e conserva para si é suficiente para se dar a si próprio por satisfeito, mas o bem que um povo e os estados obtêm e conservam é mais belo e mais próximo do que é divino.”(Ética a Nicômaco, 2009, L.1, 1094b, 5ss, p. 18).

A política Aristotélica está essencialmente unida com a moral que é vista como um conjunto de normas que orienta o comportamento do indivíduo que está inserido na comunidade, lugar onde existe os próprios valores. Dessa forma, a moral deve caminhar unida com a ética para que o homem ao agir no mundo da política encontre os valores que o tome capaz de avaliar sua própria conduta e comportamentos e desenvolva ações justa que a faça andar no caminho do bem.

O estado deve ser, portanto, esse organismo moral capaz de criar as bases de condições para o desenvolvimento da atividade moral individual, como também, as bases fundamentais para a atividade contemplativa. Cabe ao estado dispor das condições

necessárias para que o homem possa encontrar a virtude ideal, ou seja, o fim último da sua vida que se realizará com a formação moral do indivíduo e no conjunto dos meios necessários para alcançar a felicidade.

Nesse sentido, o estado sendo um lugar evidentemente específico onde reina a prática virtuosa e o fim esperado do homem, deve ser também lugar da boa convivência. Pois, o homem por ser um animal político não pode realizar a sua perfeição sem a convivência em sociedade, ou seja, no estado. Dessa maneira, a política que rege o estado deve promover as virtudes que são necessárias para que seus súditos no exercício virtuosos encontre a felicidade como uma realidade esperada. A polis deve ser o lugar do desenvolvimento das virtudes do cidadão. Aristóteles sintetiza o seu discurso dizendo:

O fim da comunidade política é assegurar aos cidadãos a vida boa (eu zen). A vida boa é conforme à virtude, não se associam os homens para viver, senão para viver bem, caso contrário haveria cidades de escravos e de animais. E isso é impossível porque estes não participam da felicidade. (Política, 2015, P.22).

Somente na polis ou comunidade política existe uma busca como finalidade que vai de encontro a um bem elevado (bem supremo). A comunidade política é vista desse modo porque é um modelo de um lugar onde existe uma organização completa. Por esse motivo, a polis é comparada a uma causa final na medida em que todas as outras coisas se voltam para ela. Como por exemplo, o homem adulto sendo a causa final da criança. Assim, todos os grupos sociais, associações comunitárias, instituição familiar, como também qualquer outro movimento ou repartição estão inclinados para a polis e é nela que encontrarão o sentido completo da realização.

O bem supremo que é tanto falado na vida da política é enfatizado pelo estagirita Aristóteles como um ato concreto e virtuoso e que só pode ser alcançando no exercício contínuo das práxis (prática), e que, se realiza pela ação racional do indivíduo. Assim, o bem não é visto como algo transcendente ou estático, mas a partir de uma vida em exercício.

3.5 A felicidade na amizade

A amizade que Aristóteles realça tanto em suas indagações é encontrada com maior respaldo nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*. Ela faz parte das ciências práticas que tem como finalidade a busca do saber em função de uma conduta moral para o indivíduo enquanto sujeito e membro da comunidade política, isto é, a polis grega.

Aristóteles entende que a amizade verdadeira só é possível entre amigos que privilegiam a reciprocidade e a lealdade, isto é, entre amigos bons que busca uma amizade perfeita e que tem um fim em si mesma. Esses amigos nunca agem com o desejo de atribuir para si honrarias, riquezas ou poder, ou seja, não existe pretensões nas suas amizades, pois tudo incorre para o bem do outro. Nesse sentido, a amizade se torna verdadeira e duradora, pois o que a permeia é a bondade que existe entre os amigos. Por isso, ninguém que vive sozinho é feliz, mas a felicidade se encontra nos verdadeiros amigos que são como grandes e preciosos tesouros.

Nessas mesmas palavras Aristóteles compreende que a amizade é mais que necessária, é nobilitante. Ter amigos de verdade é um ato nobre, pois as pessoas que vivem as verdadeiras amizades têm um sentimento estimável e agradável pelo outro e assume uma disposição de caráter baseado numa decisão de livre vontade de assumir um verdadeiro desejo de querer o bem do seu companheiro.

Nessa perspectiva, Aristóteles enfatiza que, a amizade verdadeira deve ser guiada pela razão e deve assumir um caráter desejoso e uma intimidade profunda com a pessoa amiga. É por isso que ele destaca três pontos importantes no que diz respeito a amizade e os que a buscam.

A primeira espécie de amizade é vista como uma ação acidental e baseada na utilidade, ou seja, está fundamentada em motivações extrínsecas e não tem consistência de bondade, mas de um espírito mercantil e de um desejo de troca e ambição. Essas amizades não visam um fim próprio em si mesma, por isso é muito fácil se destruir. Na grande maioria das vezes ela visa as riquezas, o poder, a honra ou o desejo de ser amada, mas, no entanto, não é capaz de amar. O seu maior desejo é encontrar no outro aquilo que lhe falta, e por isso, se utiliza de uma espécie de ambição. Ninguém pode ser feliz com esse tipo de amizade.

A segunda amizade é baseada no prazer. É semelhante a primeira, porém se diferencia no sentido de que as pessoas se aproximam uma das outras com o desejo da busca do prazer e das emoções que lhes saciam. Essa amizade só dura até o momento em que o objeto de escolha lhe é agradável e enquanto não sofre mudanças. É como um amor à primeira vista, no momento do prazer parece que tudo é verdadeiro, porém, quando as coisas começam a ficar mais densas, percebe-se então, que tudo não passava de um fogo de palha e aquele amor prazeroso logo acaba. Por ser uma amizade imatura, as pessoas que dela se alimentam não conseguem ser felizes.

Por último, a verdadeira e única amizade é aquela considerada ideal e perfeita para todas as pessoas. Essa portanto, é duradora e visa somente o bem do outro. Possui um fim proposto em si mesma e as pessoas que a encontram, percebe que nela está a verdadeira felicidade, pois nessa amizade brota o amor mútuo e a perfeição da bondade moral e que se apresenta na convivência com o outro. Nessa amizade o verdadeiro amigo ama o outro sem aceção de nenhum interesse, mas do jeito que ele é. É uma amizade centrada no amor recíproco.

Porém, mesmo sendo a única verdadeira de todas as amizades, Aristóteles faz um apelo ao dizer que por ser uma amizade tão bela, poucos a vivenciam no exercício contínuo da vida, por motivos de que as pessoas que a praticam serem tão poucas. Mas essa sem dúvida é a amizade perfeita e que bom se todo homem a cultivasse, como as pessoas seriam mais felizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A felicidade é buscada hoje pela maioria das pessoas no sentido de obter altos cargos e bens materiais, assim se perdendo em meio a um consumismo exacerbado e alienante, tornando as pessoas escravas de uma mídia que ensina e propaga o individualismo e a competitividade como grandes pilares para se conseguir esta falsa felicidade.

Segundo o filósofo Aristóteles, a finalidade última da vida humana é encontrar a felicidade “*eudaimonia*”. Para o homem alcançar esta felicidade é necessário que viva racionalmente, e viver racionalmente implica viver segundo a virtude “*aretê*”. A virtude é compreendida como a disposição de um indivíduo de praticar o bem, e não é apenas uma característica, trata-se de uma verdadeira inclinação. Virtudes são todos os hábitos constantes que levam o homem para o caminho do bem.

Os hábitos virtuosos são os caminhos que levam o homem à felicidade, que para os mais sensatos e racionais está presente não nas coisas supérfluas que a sociedade oferece, mas sim a vida contemplativa e prática dentro da *polis*. O homem para ser feliz tem que buscar o seu bem e o da *polis*, pois ele não pode ser feliz se o seu meio não está favorecendo esta felicidade.

A *eudaimonía* aristotélica propõe as condições para o ser humano alcançar a felicidade, baseada nos princípios da racionalidade, considerando o justo-meio o principal caminho para conduzir o homem a tal bem supremo, pois para Ele o homem deve alcançar a mediania das coisas, e não está condicionado a nenhum vício, por falta ou por excesso.

Dado o exposto, é perceptível que para Aristóteles a felicidade é o bem supremo a qual todos os homens buscam, e para se chegar a ela é importante trilhar um caminho baseado em virtudes, que irão orientar o ser humano no caminho correto, porem essas virtudes devem ser equilibradas. Assim para o filósofo a ética consiste nesta busca pela felicidade, levando uma vida reta através de ações virtuosas, equilibradas e vividas fraternalmente dentro da *polis*.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco/Aristóteles**: Tradução do Grego de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas: Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ARISTÓTELES, **Política**. Tradução Pedro Constantin Tolens. 6º edição. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes. Tradução de Desidério Murcho ... et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHILD, Chiu Yi. **A pólis e a Eudaimonia em Aristóteles**. São Paulo: USP, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.

CHAUÍ, **Introdução à História da Filosofia/ Vol. 1**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOPES, Hugo. **As virtudes do homem bom: Um paralelismo entre Platão e Aristóteles**. Universidade da Beira Interior, Covilhã - Portugal, 2014.

SCUPOLI, Lourenzo. C. A. **O combate espiritual**. 2º edição. Lorena: Cleofas, 2014.

SILVEIRA, Denis. **As virtudes em Aristóteles**.

PEGORARO, Olinto A. **Ética dos maiores mestres através da história**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **Introdução à filosofia de Aristóteles (tradução de Gabriel Hibon)**. São Paulo: Paulus, 2002.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média/Giovanni Reale, Dário Antiseri**. São Paulo: Paulus, 1990.